

## As irmãs Morais Sarmiento: Quatro Mulheres na Academia do Porto

Natacha Santos

Natacha.9490@gmail.com

### Resumo

As irmãs Morais Sarmiento foram as primeiras mulheres a concluir um curso superior na Universidade do Porto, nas áreas de Medicina e Engenharia. Este artigo debruça-se sobre a biografia de Aurélia, Laurinda, Guilhermina e Rita. Procura perceber a razão do seu espírito de pioneirismo em detrimento das demais mulheres em finais de século XIX. Visa investigar a influência do pai, Anselmo Evaristo, do seu afamado círculo social e da sua profissão nos caminhos percorridos por estas mulheres. É analisado o percurso educacional e pessoal tanto quanto possível. Paralelamente, é também possível perceber o Porto académico da época.

**Palavras-chave:** Morais Sarmiento, Anselmo Evaristo, Medicina, Universidade do Porto, mulheres.

### Abstract

The Morais Sarmiento sisters were the first women to ever conclude a course in the University of Porto, in Medicine and Engineering. This article focuses on the biography of Aurélia, Laurinda, Guilhermina and Rita. It tries to understand their pioneering spirit in the detriment of other women at the end of the 19<sup>th</sup> century. Its aim is to investigate the father's influency, Anselmo Evaristo, of his famous social circle and his profession on the paths taken by these women. It analyses the educational and personal journeys as much as possible. Meanwhile, it is also possible to understand the academic way of living in Porto.

**Keywords:** Morais Sarmiento, Anselmo Evaristo, Medicine, University of Porto, women.

### Introdução

A questão da formação da mulher em Portugal no século XIX desenrola-se numa época dominada por homens, cujos progressos foram conseguidos através dos esforços pontuais de diversas personalidades.

Na região do Porto, destacaram-se as irmãs Morais Sarmiento, as primeiras mulheres a terminarem um curso superior na cidade invicta. O estudo biográfico destas

senhoras encontra-se realizado, são aliás tidas como figuras ilustres da Universidade do Porto e da sua História. Ainda assim, não existe nenhuma investigação para perceber o porquê de terem sido as irmãs Morais Sarmiento a atingir este estatuto e não outras.

A família era composta por quatro irmãs e um irmão: Laurinda, Aurélia e Guilhermina, formadas em Medicina, Rita, em Engenharia, e Joaquim, formado em Direito pela Universidade de Coimbra.

Denotei que existem textos publicados que se debruçam sobre o percurso académico individual de cada uma das quatro irmãs. É de salientar que são biografias incompletas e sobretudo bastante semelhantes. Não há, portanto, qualquer referência à infância ou ao ambiente familiar. Nunca se faz a ligação entre o percurso das senhoras e o panorama da sociedade da época. Fazem apenas referência ao nome dos pais (ignorando por completo o papel que estes tiveram no desenrolar da vida dos seus filhos) e relegam para segundo plano o filho mais novo, Joaquim, mencionando apenas a sua existência, sem nunca referirem o seu nome.

Os avanços na pesquisa acabaram por suscitar questões que conduziram a um aperfeiçoamento do objeto de estudo. Procurei sobretudo perceber o ambiente familiar em que cresceram as irmãs. Destaca-se a influência de um pai empresário, amante das Letras, a precoce morte da progenitora e o quotidiano partilhado pelos cinco irmãos no agregado.

O estudo desta família permite ir um pouco além das biografias dos seus membros: possibilita que se estude o ensino superior em Portugal, especificamente no Porto, em finais do século XIX, e as relações sociais mantidas nestes meios mais restritos.

Além do percurso de vida das irmãs Morais Sarmiento, importa compreender sempre outros aspetos, a figura paterna, Anselmo Evaristo de Morais Sarmiento; tratar a influência da mãe que morre no ano seguinte à formatura das suas duas filhas mais velhas; a presença de Teófilo Braga no círculo familiar (sendo inclusive padrinho de uma das meninas); o ambiente académico portuense e como seria este para jovens raparigas.

É certo que as meninas tiveram de receber algum tipo de educação para conseguirem realizar os exames escolares com êxito. O comum da época era terem uma perceptor. Quem seria essa mulher? Será que era uma mulher? Se era de facto uma mulher, onde adquiriu ela o conhecimento para lecionar as jovens raparigas? São muitas as perguntas que foram surgindo: Qual a verdadeira influência da mãe? Aprovaria ela

que as filhas fossem alvo de mediatismo? Teria ela mesma, na sua infância, vontade de prosseguir uma formação académica? Seriam as Morais Sarmiento alvo de comentários grosseiros por parte das outras mulheres, suas amigas?

No Estado da Arte, destacam-se as obras de Cecília Barreira<sup>1</sup> e Michelle Perrot<sup>2</sup> na história das mulheres e da educação, bem como do professor Cândido dos Santos sobre a História da Universidade do Porto, que refere mesmo os nomes destas mulheres e de uma outra, Maria Leite da Silva Tavares Pais Moreira, colega no curso de Medicina<sup>3</sup>.

## 1. A mulher no ensino superior em finais do século XIX

No século XIX, a mulher tinha uma posição secundária tanto na estrutura familiar como na sociedade. Era vista como um objeto decorativo do qual dependia a continuidade da raça humana e pouco mais.

Acreditava-se, na linha dos ideais freudianos, que a mulher era um ser incompleto por lhe faltar o órgão peniano. Que as meninas pequenas, por falta deste mesmo órgão, culpavam a respetiva progenitora e que, conseqüentemente, se aproximavam mais do chefe de família, o pai. Era também comum pensar que pelo ato sexual envolver a penetração da mulher por parte do homem, esta era automaticamente submissa. É de acrescentar ainda a ideia de que o homem era uma espécie de «deus» por ser portador e depositador da «semente da vida», enquanto a mulher era apenas uma recetora<sup>4</sup>.

A educação das mulheres, nos raros casos em que esta era praticada, limitava-se àquilo que fosse útil no meio doméstico. Portanto, pode-se apenas imaginar como terá sido para as primeiras mulheres quebrar o estigma de quererem aceder à educação universitária.

O Ensino Superior, na Europa e em Portugal, não estava recetivo ao ingresso das mulheres. «Uma mulher aceder aos cursos/profissões ditas superiores tinha de ser tentada a pulso e era alvo de polémicas públicas gerando debates acesos»<sup>5</sup>. Veja-se por

---

<sup>1</sup> BARREIRA, Cecília — *História das Nossas Avós: retrato da burguesa de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

<sup>2</sup> PERROT, Michelle — *Uma História das Mulheres*. Porto: Edições Asa, 2007.

<sup>3</sup> SANTOS, Cândido dos — *História da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2011.

<sup>4</sup> PERROT, Michelle — *Uma História das Mulheres*. Porto: Edições Asa, 2007.

<sup>5</sup> *O Tripeiro*. Vol. XXI, n.º 7, 2002, p. 9.

exemplo o episódio ocorrido em França com a aprovação de uma médica: «Os colegas de curso da médica Blanche Edwards queimaram a efígie da mulher aquando a sua aprovação do curso de internato»<sup>6</sup>. Episódios como este não eram pontuais e mostravam apenas a reação da sociedade face ao desejo destas mulheres de ingressarem nos estudos superiores.

No caso português também haveria entraves. A área de estudos da Medicina era uma esfera estritamente masculina. Qualquer mulher que visasse ingressar nos estudos médicos era vista como uma profanadora do que representava ser mulher. Eram, aliás, acusadas de «se masculinizar, de perder o charme e de ameaçar a reprodução da espécie»<sup>7</sup>. Os homens dividiam-se em duas posições: ou eram totalmente contra a prática da Medicina pelas mulheres, ou colocavam barreiras às mesmas permitindo que tratassem apenas doenças do foro ginecológico e obstétrico.

Não obstante, Laurinda, Aurélia, Guilhermina e Rita, as quatro mulheres que se pautaram pela diferença, decidiram ser a exceção à regra. Em julho de 1886, matricularam-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto as duas mais velhas, Laurinda e Aurélia, perseguindo o sonho de serem médicas. Este ato terá gerado alguma polémica na sociedade da época, figurando em alguns jornais do país. No *Jornal do Porto*, lê-se na primeira página do dia 10 de novembro de 1891:

As duas filhas do nosso prezado colega da *Ideia Nova*, senhor Anselmo de Morais Sarmiento, concluíram como se sabe distintamente o curso da Escola Médico-Cirúrgica no Porto. As duas inteligentes meninas fizeram ontem com muito brilho, as suas teses na Escola. [...] Ambas ficaram plenamente aprovadas pelo que as felicitamos.<sup>8</sup>

Em Portugal, foi um processo demorado e em que apenas as famílias com mais influência, tanto social como financeira, podiam aceder. A lista que se segue, com datas de formatura e as respetivas teses, apresenta as mulheres que, no seguimento das pegadas das Morais Sarmiento, concluíram cursos superiores na academia portuguesa até 1906<sup>9</sup>. Note-se a coincidência de apelidos.

- Guilhermina de Morais Sarmiento – *A Dilatação do Estômago*, 1894;
- Maria Genoveva de Jesus e Silva – *Placenta Prévia*, 1900;

<sup>6</sup> *O Tripeiro*. Vol. XXI, nº 7, 2002, p. 9.

<sup>7</sup> *O Tripeiro*. Vol. XXI, nº 7, 2002, p. 9.

<sup>8</sup> *Jornal do Porto*. Porto, nº 266, 1891, p. 1.

<sup>9</sup> *O Tripeiro*. Vol. XXI, nº 7, 2002, p. 9.

- Maria Arminda da Costa Prata – *Ação dos Medicamentos sobre a Secreção Láctea*, 1902;
- Guilhermina Arminda da Costa Prata – *Gravidez Ectópica*, 1902;
- Casimira Ferreira Loureiro – *Profilaxia e Tratamento da Sífilis do Recém-nascido*, 1906;
- Leonor Amélia da Silva – *A Anestesia Geral e o Clorofórmio*, 1906.

É possível perceber o ambiente estudantil no tempo em que as Morais Sarmiento frequentavam a Escola Médico-Cirúrgica através de uma edição comemorativa, do *Porto Académico*, do 1º Centenário da Academia Politécnica, onde se lê uma notícia intitulada de «Os Académicos do meu Tempo».

O professor Alberto de Aguiar escreve a propósito das celebrações de aniversário da Academia Politécnica do Porto. A intenção desta prosa era essencialmente perceber como se relacionavam os estudantes na Academia do Porto. Ou seja, este texto, depois de analisado, não só conta um episódio específico relativo às Morais Sarmiento, como ainda nos permite perceber o panorama social em que elas se inseriam. Começa por escrever sobre as manifestações académicas. Explica, essencialmente, que os momentos conturbados que se viveram na política portuguesa tiveram uma grande repercussão social, nomeadamente no meio estudantil onde os alunos não deixavam de emitir as suas opiniões.

Batidas e agitadas por movimentos grandiosos e de repercussão formidável e profundamente modificadora da vida social e política da minha pátria – como o do Ultimatum (1890) e a Revolução de 31 de janeiro [...] A academia do meu tempo era convicta e entusiasticamente republicana, sob o impulso de uma fé ardente nos destinos gloriosos da pátria, mas a sua intervenção, mais teórica do que prática [...] profundamente saudosa, pelas recordações de camaradagem e de convívio académico que elas evocam.<sup>10</sup>

O texto prossegue com recordações de uma insurreição militar republicana no dia 31 de janeiro de 1891, onde participaram alguns dos seus colegas. Conta o que chama de «formidáveis ‘charges’ reveladoras da exuberância da vida, espírito crítico, justiça, sentimento e correção, características da mocidade académica»<sup>11</sup>.

A propósito da frequência da Academia pelas irmãs Morais Sarmiento, recorda:

---

<sup>10</sup> *Porto Académico*. Número único do 1º Centenário da Academia Politécnica e da Escola Médico-cirúrgica. Porto, 1937, p. 31.

<sup>11</sup> *Porto Académico*. 1937, p. 31.

Uma graciosa paródia de doutoramento realizada no final do ano escolar de 1890-1891: teve como protagonista um antigo empregado da *Imprensa Portuguesa*, o falecido António Augusto de Sousa Vieira, homem de toda a confiança do saudoso Anselmo de Morais, seu diretor a quem ele confiava a ingrata e delicada missão de acompanhar às aulas as suas filhas [...] Esta vigilância, produto da época e da novidade (hoje ridícula pela sua banalidade) aliada á natural comoção que as simpáticas académicas despertaram no meio dos seus condiscípulos, foi desempenhada com todo o escrúpulo pelo guardião, que os rapazes respeitavam embora o alvejassem com naturais piadas e alcunhas inofensivas [...] O bondoso Vieira cumpriu a preceito as suas funções: acompanhava às aulas as filhas do seu amigo e diretor, assistia às respetivas lições, silencioso, resignado e cónscio do seu papel e retirava-se com elas indiferente às inofensivas chalaças, piadas ou alcunhas com que os mais irrequietos condimentavam, de longe, sempre a meia voz e corretos, a evangélica paciência de tão fiel servidor. [...] Assim se passaram os cinco anos do curso médico, e no final, a ideia de diplomar em sessão magna quem com tal assiduidade, zelo, e ‘nula competência’ assistira a todas as lições sem faltas, salvo as das pupilas, surgiu [...] e concretizou-se [...] na grandiosa manifestação de homenagem a que o atingido assistiu com enorme aprazimento e contentamento só percebendo no final que era o protagonista.<sup>12</sup>

O professor Alberto de Aguiar mais acrescenta ao seu longo texto:

O Ato passou-se no Teatro Anatómico, para tal profusamente ornamentado e engalanado pelos rapazes, tomando o inocente homenageado o seu lugar de honra nas doutorais, com a assistência [...] dos representantes das várias universidades [...] Famosos os vários discursos [...] os esfuziantes comentários da assembleia entusiástica ruidosa e alegre, os aplausos, as gargalhadas espontâneas e sonoras da assistência [...] as manifestações álacres da mocidade atingem o rubro quando é feita a entrega do diploma honorífico com todas as suas fitas, selos e predicados ao novo e original doutor que só então atinge o objetivo de tão movimentada e aparatosa sessão. [...] Grandiosa e memorável sessão [...] um ato em que á originalidade do conceito, se aliava uma opulência de pormenores de facécias, no propósito sadio, alegre e inofensivo, de focar um acontecimento único na história jocosa da Academia portuense [...] Tão correta foi e tão graciosa que o novo e original doutorado [...] se considerou lisonjeado [...] com a elevada honra académica prestada.<sup>13</sup>

Numa conclusão, onde apenas se refere indiretamente ao ato específico do assíduo acompanhante das irmãs Morais Sarmiento, o professor descreve aquilo que seria o comportamento dos universitários nas suas manifestações académicas:

Sirvam estas despreziosas evocações de traço espiritual de união entre todos aqueles, e bastantes ainda são, que viveram esse inesquecível e alegre momento da sua vida académica e dela conservam perduráveis e gratíssimas recordações. [...] Se poderá aquilatar das manifestações

<sup>12</sup> *Porto Académico*. 1937, p. 31.

<sup>13</sup> *Porto Académico*. 1937, p. 31.

académicas [...] que se expandia o espírito irrequieto, audaz e alegre da mocidade académica do meu tempo [...]. Teremos uma ideia do grau de atividade cultural e sentimento dos académicos da minha geração e de quanto contribuíram para manter, perpetuar e honrar as tradições da galhardia da mocidade, estudiosa superior de todos os tempos [...]. Destas várias exteriorizações do potencial académico, em que todos [...] participaram [...] como figurantes, manifestantes, espetadores animados ou ouvintes chalaceadores, nasceu essa estreita e viva camaradagem que a todos nos une [...] uma das mais gratas recordações da mocidade [...] Procura manter esperto e vivo o fogo sagrado destas encantadoras reuniões.<sup>14</sup>

É possível perceber, através deste artigo, que o próprio academismo era moldado pela quase ausência de mulheres. Vê-se isso no uso das palavras «ruidosos, alegres, gargalhadas espontâneas e sonoras», tudo comportamentos que não se esperavam de uma senhora. As mulheres esperavam-se sossegadas e delicadas, quase mais bonecas do que propriamente seres humanos.

As irmãs Morais Sarmiento seriam, com toda a certeza, uma novidade. No entanto, nada nos leva a crer que não estivessem perfeitamente integradas e não fossem respeitadas. Não há provas em contrário, ou seja, de que os rapazes da turma de Medicina finalista em 1891, não convivessem com as suas colegas.

As Morais Sarmiento tiveram aliás uma outra colega de curso de seu nome Maria Leite da Silva Tavares Pais Moreira. Esta senhora, natural de Canedo, Vila da Feira, foi na verdade a primeira mulher a matricular-se na Academia Politécnica do Porto, em 1884. Todavia, como apresentou a sua tese final no ano de 1892 (no ano seguinte à das irmãs Morais Sarmiento) não se sagrou a primeira mulher formada em Medicina no Porto.

É de salientar que Maria Pais Moreira seria significativamente mais velha. Tinha 27 anos e era a única mulher entre os 206 matriculados. Mas o seu nome não consta da lista alfabética uma vez que o tipógrafo não acreditou tratar-se de uma mulher e escreveu «Mário» em vez de Maria<sup>15</sup>.

---

<sup>14</sup> *Porto Académico*. 1937, p. 31.

<sup>15</sup> SANTOS, Cândido dos — *História da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2011.

## 2. As dissertações da turma finalista de Medicina de 1891

Para concluir o curso de Medicina, era necessário escrever uma tese, normalmente designada de «Dissertação Inaugural» ou «Ato Grande». Esta seria posteriormente apresentada e avaliada por um júri.

Através das dedicatórias das Dissertações Inaugurais é possível inferir das amizades entre os estudantes e a maneira como se relacionavam com as suas colegas mulheres. De 30 finalistas, 28 são homens e 2 são mulheres. De 30 Dissertações Inaugurais, 8 delas abordam doenças do foro ginecológico e obstétrico:

- ☞ *Patogenia e tratamento da eclampsia puerperal*<sup>16</sup>, por José dos Santos Andrade<sup>17</sup>;
- ☞ *Gravidez Ectópica*<sup>18</sup>, por Francisco de Vasconcelos e Carvalho Beirão<sup>19</sup>;
- ☞ *O caso de quisto no ovário com torção do pedículo*<sup>20</sup>, por Alberto Perry de Sampaio;
- ☞ *Breve estudo sobre a etiologia e tratamento da esterilidade na mulher*, por Ricardo de Lemos e Castro;
- ☞ *As Salpingites*<sup>21</sup>: (*ensaio de histologia patológica*), por António Caetano Ferreira de Castro;
- ☞ *A versão podálica*<sup>22</sup> e *discussão com o fórceps*<sup>23</sup> nos apertos de bacia, por Alberto Goullart de Medeiros<sup>24</sup>.

Das teses acima referidas saliento alguns casos especiais. No caso de Ricardo de Lemos e Castro, que escreve sobre a infertilidade, contextualiza na introdução a maneira como a mulher tem vindo a ser culpada pela infertilidade ao longo da História:

---

<sup>16</sup> Eclâmpsia puerperal — perturbação da gravidez (convulsões) em que se verifica hipertensão arterial, quantidade elevada de proteínas no sangue ou outras disfunções em órgãos.

<sup>17</sup> ANDRADE, José dos Santos — *Patogenia e tratamento da eclampsia puerperal*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

<sup>18</sup> Gravidez Ectópica — Complicação da gravidez em que o embrião se forma fora do útero.

<sup>19</sup> BEIRÃO, Francisco de Vasconcelos e Carvalho — *Gravidez Ectópica*. Porto: Tipografia Ocidental, 1891.

<sup>20</sup> SAMPAIO, Alberto de Perry — *Um caso de quisto no ovário com torção do pedículo*. Porto: Tipografia Ocidental, 1891.

<sup>21</sup> Salpingites — inflamação pélvica das trompas de Falópio.

<sup>22</sup> Versão podálica — Posição do feto que torna complicada a sua expulsão na hora do parto.

<sup>23</sup> Fórceps — Instrumento utilizado na medicina obstetrícia para auxiliar na retirada do feto quando haja uma complicação no parto.

<sup>24</sup> MEDEIROS, Alberto Goullart de — *A versão podálica e discussão com o fórceps nos apertos de bacia*. Porto: Imprensa Económica, 1891.



Se remontarmos aos tempos mais antigos da história da humanidade [...] A mulher estéril não tinha a menor consideração, era repudiada da afeição do seu marido e rejeitada, como um ser inútil e incompleto.<sup>25</sup>

No caso de António Caetano Ferreira de Castro, vê-se que conduziu um estudo científico sobre o sistema reprodutor feminino com base na experimentação:

Recolhi-me ao remanso de um gabinete [...] aí empreendi estudar as peças extirpadas [...]. As minhas investigações [...] versaram sobre peças frescas, extraídas do vivo e mergulhadas, logo em seguida, em líquidos apropriados [...] descobertas do novo mundo ginecológico, desvendado aos clínicos [...] catequisados na fé antisséptica, tiveram a suficiente confiança para penetrar nas regiões pélvicas, até então verdadeiras regiões misteriosas, trancadas pelo pudor e pelo terror à perícia [...] visam ao estudo de uma das regiões menos conhecidas desse novo mundo, região onde há muito que descobrir, muito que desbastar.<sup>26</sup>

O autor do estudo acerca das inflamações nas trompas de Falópio – *As salpingites* – dedica a sua tese, à semelhança de poucos dos seus contemporâneos, à colega Maria Pais Moreira. Apesar de poucas, há efetivamente dedicatórias e reconhecimento de que Maria Pais Moreira era efetivamente parte da turma. Há também um jovem estudante de Medicina que dedica a sua obra final a Anselmo de Morais Sarmento. No entanto, nas dedicatórias não há qualquer referência a nenhuma das irmãs Morais Sarmento.

Há também outras teses elaboradas pela turma finalista de 1891 que, apesar de não tratarem temas do foro ginecológico-obstétrico, têm particularidades que é importante referir.

Na tese final de Aníbal Barbosa de Pinto Lousada, lemos nas dedicatórias: «Aos meus condiscípulos, às minhas condiscípulas, aos meus contemporâneos e meus companheiros de casa»<sup>27</sup>. Havendo aqui uma referência a um número plural de colegas mulheres: Maria Pais Moreira, Laurinda e Aurélia de Morais Sarmento.

Lúcio Gonçalves de Nunes, autor da dissertação *A propósito de um caso de quelotomia*<sup>28</sup>, apresenta uma secção de dedicatórias particularmente simples. No entanto há uma página curiosa, onde se lê «Ao meu bom amigo, Anselmo Evaristo de Morais

---

<sup>25</sup> CASTRO, Ricardo Lemos e — *Breve estudo sobre a etiologia e tratamento da esterilidade na mulher*. Porto: Tipografia Ocidental, 1891.

<sup>26</sup> CASTRO, António Caetano Ferreira de — *As Salpingites: Ensaio de histologia patológica*. Porto: Tipografia Ocidental, 1891.

<sup>27</sup> LOUSADA, Aníbal Barbosa de Pinto — *Higiene caseira nas doenças infecciosas*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

<sup>28</sup> Quelotomia — Intervenção cirúrgica aquando haja uma hérnia estrangulada.

Sarmento e a sua excelentíssima família»<sup>29</sup>, tendo até recorrido aos seus serviços para imprimir a sua tese final na *Imprensa Portuguesa*, que, como já foi referido anteriormente, era propriedade de Anselmo de Morais Sarmento.

Relativamente às restantes dissertações, apresentam temas de clínica geral. Nas dedicatórias conseguimos perceber que há um espírito académico entre os estudantes. Dedicam os seus trabalhos finais aos familiares mais próximos, aos professores e aos colegas de turma, sendo que alguns dedicam aos colegas de casa. Há inclusive quem dedique ao «Grupo académico – recordação dos melhores dias da minha vida»<sup>30</sup>.

É igualmente notório que estes estudantes de Medicina, para além de homens da ciência, eram também homens letrados, o que transparece nas dedicatórias dirigidas aos colegas de turma e amigos.

A ausência não tem força para destruir esta íntima amizade, que uma longa convivência fez brotar em nossos corações. Acabou-se a melhor quadra da nossa vida, em que o coração é tão puro e a alma tão impressionável, onde nunca a sombra de um pesadelo veio escurecer o céu eternamente azul da nossa mocidade. Em todas as agruras da vida prática, em que vamos entrar, eu tenho a convicção íntima de que há-de triunfar sempre o vosso coração generosíssimo e o vosso talento esclarecido.<sup>31</sup>

As Morais Sarmento também tiveram que elaborar uma dissertação sobre um tema à escolha. As suas teses encontram-se disponíveis para consulta na Biblioteca da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto<sup>32</sup> e no Repositório Aberto da Universidade do Porto<sup>33</sup>.

A escolha do tema, as dedicatórias na parte introdutória das teses e a maneira como são escritas são fatores relevantes para percebermos melhor a personalidade destas senhoras. É de salientar que todas as três teses foram impressas na *Imprensa Portuguesa*, tipografia cujo dono era Anselmo de Morais Sarmento, patriarca da família. Serão abordadas já de seguida.

---

<sup>29</sup> NUNES, Lúcio Gonçalves — *A propósito de um caso de quelotomia*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1891.

<sup>30</sup> CASTRO, João Leite de — *Breve estudo sobre a etiologia e tratamento das pleurisias purulentas*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

<sup>31</sup> PEREIRA, Artur Alberto Vaz — *Envenenamentos profissionais: o fosforismo*. Porto: Tipografia A. F. Vasconcelos, 1891.

<sup>32</sup> Disponível on-line em: <https://biblioteca.med.up.pt/wordpress/>

<sup>33</sup> Disponível on-line em: <https://repositorio-aberto.up.pt/>

### 3. As irmãs Morais Sarmiento: Percurso familiar e académico



**Figura 1** — A família Morais Sarmiento. Da esquerda para a direita: Guilhermina, Rita, Aurélia, Laurinda. Ao centro Anselmo Evaristo, ca. 1891. Fotografia de autor desconhecido, Porto. Fonte: Arquivo Reitoria do Porto.

#### 3.1. Laurinda

A mais velha das irmãs, nascida a 28 de outubro de 1867, foi batizada a 21 de novembro na Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Vitória, no Porto. Os seus padrinhos de batismo foram António Joaquim de Morais Sarmiento, Escrivão do Tribunal da Relação no Porto, e a sua avó materna, D. Margarida Emília da Costa Oliveira<sup>34</sup>.

Frequentou, aos 18 anos, juntamente com a sua irmã dois anos mais nova, Aurélia, a Academia Politécnica do Porto, nas cadeiras de *Física Geral*, *Química Inorgânica Geral* e *Química Orgânica Geral e Biológica*<sup>35</sup>. Laurinda foi mais tarde admitida às cadeiras de *Patologia e Terapêutica Externas*, *Medicina Operatória* e *Patologia Interna*. Juntamente com a sua irmã Aurélia, distinguiu-se na disciplina de Obstetrícia ou Partos, onde foram «aprovadas com louvor». A 9 de novembro de 1891, com 24 anos de idade, Laurinda defendeu o «Ato Grande» na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, por volta das 12 horas.

<sup>34</sup> Arquivo Distrital do Porto — Registo de Batismo de Laurinda de Moraes Sarmiento, Porto, 1867.

<sup>35</sup> SANTOS, Cândido dos — *A mulher e a Universidade do Porto: a propósito do centenário da formatura das primeiras médicas portuguesas*. Porto: Universidade do Porto, 1991.

Quando as duas terminaram o curso de Medicina, abriram um consultório médico privado, na Rua do Almada, nº 579. Este consultório dedicava-se exclusivamente às doenças das senhoras e das crianças e dispunha de um serviço de partos permanente.

No entanto, uns meses mais tarde, Laurinda contraiu matrimónio com o Dr. Abílio da Silva Carvalho, antigo colega de curso, o que a levou a suspender a prática da profissão que com o passar do tempo desejou retomar. Laurinda, que teria cerca de 30 anos de idade, Aurélia e a colega de curso Maria Paes Moreira, apresentaram-se a concurso para o lugar de clínica auxiliar no Hospital Geral de Santo António. A selecionada foi Maria Pais Moreira, deixando as irmãs Morais Sarmiento para trás.

Do seu casamento resultaram duas filhas: Laurinda Sarmiento da Silva de Carvalho e Maria Luísa Sarmiento de Carvalho.

No seu testamento, a sua maior preocupação é dividir os seus bens pelas suas duas filhas e eventuais netos. Pede que a sepultem perto do marido, no jazigo no cemitério de Agramonte, no Porto<sup>36</sup>.

Quanto à sua tese, esta tem por título *Breves Considerações sobre a Higiene do Vestuário Feminino* e tem 154 páginas. Começa por dedicar «A meu extremosíssimo pai», «A minha querida mãe», «A minhas irmãs e irmão». Dedicar logo de seguida aos seus queridos avós, como, aliás, já foi mencionado anteriormente. Nesta simples frase podemos ver que os ideais do liberalismo estão bem presentes no seio desta família. À partida, seriam temas abordados com frequência nas suas vidas privadas, talvez os seus familiares mais velhos lhes contassem memórias na primeira pessoa. No círculo social do pai, sendo que alguns dos seus amigos se destacaram enquanto homens de ideais republicanos, também se abordaria o liberalismo com frequência.

Outra das dedicatórias que merece destaque é «Ao Exmo. Senhor Teófilo Braga e sua Exma. Esposa e minha amiga D. Maria do Carmo Xavier Braga – À memória de seus filhos e meus amiguinhos Teófilo e Maria da Graça». Sabemos que Teófilo Braga era amigo íntimo do pai das Morais Sarmiento e sabemos também que ambas as famílias se relacionavam intimamente; particularidade que será esmiuçada mais adiante.

Dedica também ao Dr. Abílio de Carvalho, que seria um colega de curso mais velho com quem, mais tarde, contrai matrimónio.

---

<sup>36</sup> Arquivo Municipal do Porto — *Registo de Testamento de Laurinda de Moraes Sarmiento*, Porto, 1929.

Figura também uma dedicatória ao corpo docente da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, aos professores da Politécnica e do Secundário, aliás todas as irmãs o fazem com maior ou menor pormenor.

Como já foi referido anteriormente, Laurinda escreve sobre a moda e o vestuário. Das três teses analisadas, esta é a mais opinativa.

Na introdução escreve:

Animamo-nos ainda da esperança de conseguir orientar um pouco a curiosidade da mulher, em conhecimentos que para ela são de uma importância capital, visto que, infelizmente, tantas vezes as vemos submeter-se com temeridade aos maiores sofrimentos físicos [...] com todas as modas absurdas, que o capricho francês se lembra de inventar para nosso martírio. [A moda] sempre implacável com as suas exigências.<sup>37</sup>

Laurinda defendia que deveria haver maior circulação de ar nas roupas; revela formas higiénicas de vestir. Escreve que a moda surge de uma forma avassaladora, impondo novidades efémeras em contínua mudança. A moda e a higiene não harmonizam. De todas as peças, Laurinda concentra-se em duas: o espartilho e o calçado. Refere-se aos espartilhos como:

Moldes inflexíveis, que em vez de se adaptarem ao corpo [...] forçavam os contornos naturais, impunham-lhes uma forma de convenção [...] e opunham-se, como um duro encaixe, às menores variações de volume e de situação dos órgãos, donde resultavam pressões exageradas para fora e recalamentos para dentro, incompatível com a integridade dos órgãos e com o jogo regular de funções.<sup>38</sup>

O uso do espartilho perturbava a respiração, a circulação, a digestão e a nutrição, gerando problemas como a morte súbita. Laurinda defendia a proibição médica do uso do espartilho a mulheres impúberes, grávidas, em lactação e com infeções.

Quanto aos sapatos deviam ser estes a adaptar-se aos pés e não o contrário: «Notemos mesmo que a generalidade das mulheres usa o calçado feito com cabedal ou fazendas [...] inconvenientes; por isso é da máxima importância que olhem com mais atenção para esta parte da sua *toilette*»<sup>39</sup>.

---

<sup>37</sup> SARMENTO, Laurinda de Morais — *Breves considerações sobre a higiene do vestuário feminino*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1891.

<sup>38</sup> SARMENTO, Laurinda de Morais — *Breves considerações sobre a higiene do vestuário feminino*.

<sup>39</sup> SARMENTO, Laurinda de Morais — *Breves considerações sobre a higiene do vestuário feminino*.

Laurinda, na última página da sua tese, escreveu: «Julgamos, todavia, dever aproveitar o ensejo para chamar- a atenção para os diversos expedientes [...]. Foi o que fizemos, á medida que explanámos o assumpto que nos propusemos tratar»<sup>40</sup>.

### 3.2. Aurélia

Nascida a 4 de junho de 1869, e batizada treze dias mais tarde, foi apadrinhada pelo Dr. António Augusto Soares de Sousa Cirne, um bacharel em Direito, antigo juiz do Tribunal da Relação do Porto e ex-governador substituto da cidade, e sua avó paterna, D. Guilhermina Carlota de Almeida Morais.

Como foi referido anteriormente, aos 16 anos, Aurélia «frequentou o curso da Escola Médico-Cirúrgica do Porto na companhia de Laurinda, dois anos mais velha: assistiam juntas às aulas, apresentavam-se a exame sempre no mesmo dia»<sup>41</sup>.

Defendeu o seu «Ato Grande» no mesmo dia que a irmã mais velha, sendo a primeira na ordem de apresentação, e por isso, a primeira mulher a defender uma dissertação de final de curso, em Medicina, no Porto, e, conseqüentemente, a primeira mulher diplomada da Academia portuense. A irmã foi a segunda.

A atividade profissional é, em tudo, semelhante à da irmã.

Quanto ao casamento, Aurélia contraiu matrimónio com Júlio Gustavo Romanoff Soares Salvini, um professor de canto pioneiro na preocupação com a questão do canto na Língua Portuguesa, numa época em que cantar ópera em italiano era uma prática comum. Juntos tiveram 3 filhos: Anselmo, Aurélia e Julieta de Morais Sarmento Romanoff Salvini.

Aliás, o filho Anselmo figura no livro de curso da turma finalista de 1927 de Medicina<sup>42</sup>. Isto já depois da criação da Universidade do Porto no ano de 1911, que anexou a Escola Médico-Cirúrgica do Porto à nova instituição – embora as instalações tivessem continuado as mesmas junto ao Hospital de Santo António. Apenas no ano de 1959 é que a FMUP se mudou para as instalações atuais.

A elaboração do seu testamento data de 22 de janeiro de 1904, onde regista «Declaro que [...] sou casada com o senhor Júlio Gustavo Romanoff Soares Salvini de cujo matrimónio não existem filhos, e como não tenho herdeiros legítimos [...] meu querido esposo [...] único e universal herdeiro de todos os meus bens, direitos e

---

<sup>40</sup> SARMENTO, Laurinda de Morais — *Breves considerações sobre a higiene do vestuário feminino*.

<sup>41</sup> SANTOS, Cândido dos — *A mulher e a Universidade do Porto: a propósito do centenário da formatura das primeiras médicas portuguesas*. Porto: Universidade do Porto, 1991.

<sup>42</sup> *Os novos quintanistas da Faculdade de Medicina do Porto*. Porto: Faculdade de Medicina, 1927.

ações»<sup>43</sup>. Uma vez que só falece em 6 de abril de 1939, ou seja, 35 anos depois de elaborar o seu testamento, os seus herdeiros legítimos passaram a ser os seus três filhos.

A sua tese de *Higiene da Primeira Infância*, estende-se ao longo de 137 páginas<sup>44</sup>. A parte das dedicatórias aos pais e às irmãs e irmão é muito semelhante à da irmã mais velha. Referindo-se aos tios-avós, escreve: «Últimos representantes da velha raça dos fortes; herdeiros do vivo sentimento liberal, democrático (que levou seus irmãos ao martírio cívico da Praça Nova, e que a eles os arrastou por as prisões de estudo, por o desterro e por a deportação, como presa vil»<sup>45</sup>.

Dedica ainda, à semelhança da irmã mais velha, aos corpos docentes da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, aos professores da Politécnica e do Secundário.

Começa por escrever «Há uma época na vida em que o indivíduo mais carece dos cuidados da higiene»<sup>46</sup>, defendendo que a educação destas meninas dependia muito pelas práticas da higiene desde jovens. Aurélia debruça-se sobre puericultura. Descreve os cuidados que as mães ou as amas deveriam ter para com os bebés. Aborda, essencialmente, a fase mais sensível dos recém-nascidos que, muitas vezes, pereciam por falta de conhecimentos básicos dos adultos. Escreve sobre o parto em si, os banhos, a dentição, a queda do cordão umbilical, entre outros.

Dá a sua opinião ao longo da tese sobre diversos assuntos, desmistificando algumas práticas correntes da época, como quando escreve: «O banho de água fria é detestável. [...] A água açucarada [...] tem o inconveniente de determinar [...] vómitos [...] que é sempre conveniente evitar»<sup>47</sup>, isto porque era uma prática comum administrar água açucarada aos recém-nascidos de modo a retardar a hora de amamentar. Alerta para o perigo dos bebés dormirem com as suas mães/amas pelo risco de asfixia.

O tema da amamentação era polémico. Aurélia escreve: «entre nós é frequente o preconceito de que quase fica mal a uma senhora, sobretudo se ela pertence a uma certa camada social, dar o seio aos seus filhos». Acrescenta que as amas de leite forneciam «alimento artificial»<sup>48</sup>.

A sua dissertação termina quando chega aos cuidados do segundo ano de vida das crianças «Essa alimentação, porém, sai já fora dos limites que traçamos ao nosso

---

<sup>43</sup> Arquivo Municipal do Porto — *Registo de Testamento de Aurélia de Moraes Sarmento*. Porto, 1904.

<sup>44</sup> SARMENTO, Aurélia de Morais — *Higiene da primeira infância*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1891.

<sup>45</sup> SARMENTO, Aurélia de Morais — *Higiene da primeira infância*.

<sup>46</sup> SARMENTO, Aurélia de Morais — *Higiene da primeira infância*.

<sup>47</sup> SARMENTO, Aurélia de Morais — *Higiene da primeira infância*.

<sup>48</sup> SARMENTO, Aurélia de Morais — *Higiene da primeira infância*.

trabalho e, portanto, damo-lo por findo aqui»<sup>49</sup>.

### 3.3. Guilhermina

Nascida a 4 de julho de 1870 e batizada no dia 17 do mesmo mês, teve como padrinhos o Dr. Joaquim Teófilo Braga e Emília Ludovina de Morais Sarmento, uma familiar de Aveiro.

Aos 17 anos de idade, juntamente com a irmã mais nova, Rita, ingressou na Academia Politécnica do Porto. Guilhermina concluiu com distinção as cadeiras de *Química Inorgânica Geral, Botânica e Física Geral*. Nas cadeiras de *Química Orgânica e Analítica* e de *Zoologia*, foi-lhe atribuída a classificação de 15 valores em ambas, distinguindo-se a nível escolar.

Quando ingressaram na Escola Médico-Cirúrgica no ano de 1889, as irmãs já estavam nos últimos anos do curso e preparavam-se para o concluir (foram diplomadas em 1891).

Apesar da exigência do curso ir aumentando, e da morte da sua mãe em 1892, Guilhermina continuou a mostrar provas de excelência no desempenho nas diferentes cadeiras. Mesmo com adversidades, as cadeiras de *Patologia e Terapêutica Externas, Patologia Interna e Medicina Operatória*, foram concluídas com rigor.

Em 11 de julho de 1894, foi a única mulher, em 28 diplomados, distinguida com louvor.

Quanto ao restante percurso da sua vida, assim que termina o curso existem muitas incertezas. Em princípio, exerceu durante mais tempo do que as suas irmãs e continuou a morar na Rua do Almada.

No seu testamento lê-se: «Deixo às criadas que estiveram ao meu serviço à data do meu falecimento, trinta mil réis a cada uma, livres de imposto»<sup>50</sup>, mostrando que herdou do pai o espírito filantrópico.

Deixou à sua irmã Rita e ao esposo desta a sua residência «Deixo à minha irmã D. Rita [...] o prédio que tenho na Rua do Almada, 579, na cidade do Porto»<sup>51</sup>.

Ao que tudo indica, Guilhermina não teve mesmo qualquer descendência. No seu testamento pode ler-se «Deixo à minha sobrinha e afilhada Helena, filha da minha irmã

---

<sup>49</sup> SARMENTO, Aurélia de Morais — *Higiene da primeira infância*.

<sup>50</sup> Arquivo Municipal do Porto — *Registo de Testamento de Guilhermina de Moraes Sarmento*. Porto, 1904.

<sup>51</sup> Arquivo Municipal do Porto — *Registo de Testamento de Guilhermina de Moraes Sarmento*. Porto, 1904.



D. Rita, o cordão de ouro [...] o meu broche de brilhantes em forma de meia lua e os brincos de brilhantes»<sup>52</sup>.

Concluiu o seu testamento com um pedido: «Desejo ser enterrada no lugar mais próximo do meu pai no jazigo que tenho em Agramonte no Porto»<sup>53</sup>.

A tese de Guilhermina intitula-se de *A Dilatação do Estômago*<sup>54</sup> e tem 125 páginas.

Nas dedicatórias de Guilhermina há uma diferença logo no início. Dedicou-a «à memória de minha mãe», uma vez que D. Rita de Cássia falecera no ano de 1892.

Dedicou a sua tese ao seu padrinho, Teófilo Braga, a quem havia pedido conselhos durante a escrita da mesma. Lê-se sobre Teófilo: «Exemplo raro de honradez e de trabalho, em sinal de profunda homenagem à sua carinhosa amizade, ao seu nobilíssimo carácter e à sua incontestável superioridade intelectual»<sup>55</sup>.

Dedicou apenas ao tio-avô (e não ao casal de avós), referindo o seu nome. Menciona «Aos meus professores» e «Ao meu presidente», sem acrescentar nomes, ao contrário do que as suas duas irmãs mais velhas fizeram. Das três irmãs médicas parece ser a mais impessoal e, talvez, menos sentimental.

Justifica a escolha do seu tema como sendo «singela curiosidade científica». Mais uma vez, das três irmãs é a mais pragmática, a única que não trata assuntos relacionados estritamente com a mulher e/ou a criança. Ou seja, com isto entra nas esferas da Medicina dominadas pelos homens.

É também a menos opinativa. Divide esta tese em duas partes: uma primeira, com definições anatómicas; uma segunda, em que se estudam as várias formas sob as quais a doença se pode manifestar.

Não deve ser esquecido que, apesar de todas as irmãs terem sido «aprovadas com louvor» em diferentes cadeiras, Guilhermina é a que recebe mais elogios pelas suas capacidades intelectuais.

### 3.4. Rita

Nascida a 11 de fevereiro de 1872 e batizada a 5 de abril, recebeu por padrinhos Duarte Mendes Correia da Costa, escrivão de Direito em Coimbra, e D. Firmina Augusta de Morais e Costa, sua tia.

<sup>52</sup> Arquivo Municipal do Porto — *Registo de Testamento de Guilhermina de Moraes Sarmiento*. Porto, 1906.

<sup>53</sup> Arquivo Municipal do Porto — *Registo de Testamento de Guilhermina de Moraes Sarmiento*. Porto, 1904.

<sup>54</sup> SARMENTO, Guilhermina de Morais — *A dilatação do estômago*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1896.

<sup>55</sup> SARMENTO, Guilhermina de Morais — *A dilatação do estômago*.

Como já foi referido, aos 15 anos matriculou-se na Academia Politécnica, juntamente com a irmã Guilhermina. Foi na escolha das disciplinas nas quais desejava inscrever-se que a Medicina deixou de ser a única área no meio das irmãs. Rita optou por escolher *Geometria Analítica, Desenho de Figura, Paisagem e Ornato e Química Inorgânica Geral*, cadeiras estas que faziam parte do plano curricular do 1.º ano do curso de Engenheiros Civis de Obras Públicas. No ano seguinte, acrescentou as cadeiras de *Cálculo Diferencial e Integral, Física Geral e Desenho de Arquitetura e Aguadas*. Obtêm distinções em duas das disciplinas: *Química Inorgânica*, talvez com a ajuda das irmãs mais velhas que haviam passado pela mesma cadeira, e *Desenho de Arquitetura e Aguadas*.

No ano de 1889 Guilhermina matriculou-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e os caminhos das duas irmãs mais novas separaram-se.

Com o último exame, à cadeira de *Construções e Vias de Comunicação*, no dia 30 de junho de 1894, ficou concluído o curso de Obras Públicas, com aproveitamento final de 12,5 valores. Rita de Morais Sarmiento foi a primeira mulher a conquistar um diploma em Engenharia Civil, em Portugal.

O seu casamento foi no dia 25 de setembro de 1898, com António dos Santos Lucas, Doutor em Matemática pela Universidade de Coimbra e Tenente de Engenharia.

Em 1900, o casal fixou residência em Lisboa, por razões profissionais do seu marido. Rita viveu em Lisboa até falecer, em 28 de março de 1931, e dedicou a sua vida a apoiar incondicionalmente o seu cônjuge. Era muito respeitada na comunidade universitária lisboeta e nas esferas políticas<sup>56</sup>.

Segundo os registos, teve uma filha, Helena, que viria a ter uma relação muito especial com a sua tia-madrinha Guilhermina (como já foi mencionado).

#### **4. O meio familiar e social das irmãs Morais Sarmiento**

O pai, nascido em Aveiro, a 5 de julho de 1847, filho de Bento Augusto de Morais Sarmiento e Guilhermina Carlota de Almeida Morais, era descrito como «Altruísta e cativante [...] captou rapidamente o interesse dos colegas das filhas [...] Enviuvou cedo e dedicou-se à educação dos filhos»<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Disponível online em: <https://sigarra.up.pt/up/pt>. Consultado em: 7/11/2017

<sup>57</sup> SANTOS, Cândido dos — *História da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2011.

Cassou com D. Rita de Cássia Oliveira Morais, natural do Porto, com quem teve cinco filhos.

Tinha no seu círculo de amigos homens como Teófilo Braga, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Antero de Quental e Oliveira Martins.

Foi mentor de todos os seus filhos. Com especial destaque para as quatro meninas. É de salientar a excepcionalidade que seria, à luz da época, tanto em termos económicos como sociais, ter todos os cinco filhos com cursos superiores completos. Sendo ainda mais admirável e surpreendente sendo quatro desses filhos mulheres: médicas e engenheira.

Era portanto descendente de uma família liberal de Aveiro. Na *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* pode ler-se, na entrada *Anselmo de Morais*, o seguinte:

Pertencia à família Morais, de Aveiro, sobre a qual havia de cair desgraça, em consequência do malogro do movimento anti-absolutista iniciado naquela cidade em 16/5/1828, pelos liberais [...] Um dos seus tios, Clemente de Morais Sarmento, sargento daquele batalhão [...] foi enforcado e decapitado na, então, chamada Praça Nova, do Porto (9/10/1829), tendo a sua cabeça sido exposta ao público, em Aveiro, suspensa de alto poste, em frente à casa onde vivera sua mãe.<sup>58</sup>

Todos os seus tios foram perseguidos pelos ideais políticos defendidos. Isto conduziu a uma opressão e intimidação psicológica à mãe dos Morais Sarmento, ou seja, avó de Anselmo: «Entretanto, em Aveiro [...] apesar de viúva [avó de Anselmo], sofria constantes opressões, passando meses encarcerada, sem culpa, apenas por ser mãe dos Morais»<sup>59</sup>. Pode ler-se também:

O mais novo [dos irmãos Morais], ainda de menor idade, suportou também as maiores inclemências em prol da liberdade. Era Bento Augusto de Morais Sarmento, que havia de vir a ser o pai do prestantíssimo Anselmo de Morais, figura de grande prestígio no meio social do Porto, onde se evidenciou pela sua inconfundível personalidade, pelas excelsas qualidades de carácter e pelos seus invulgares sentimentos altruístas.<sup>60</sup>

É natural que pela perseguição que a sua avó e tios tinham vindo a sofrer pelos seus ideais políticos, Anselmo fosse um fervoroso apoiante dos princípios liberais. Consequentemente, seria expectável que passasse esses mesmos valores aos seus filhos.

<sup>58</sup> CORREIA, António Mendes — “Morais, Anselmo de”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. XVII. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 2005, p. 801.

<sup>59</sup> CORREIA, António Mendes — “Morais, Anselmo de”. p. 801.

<sup>60</sup> CORREIA, António Mendes — “Morais, Anselmo de”. p. 801.

Foi empresário tendo fundado a tipografia e editora, Imprensa Portuguesa, e jornalista, dirigindo os periódicos *Gazeta Literária do Porto* e *A Atualidade*, assim como, mais tarde, *A Ideia Nova – diário democrático*. Era tido como ser de «inteligência superior, homem de Letras, crítico de Arte»<sup>61</sup>.

As inclinações republicanas de Anselmo, serão visíveis em diferentes situações. Por exemplo, é noticiada no *Jornal do Porto*, na edição do dia 24 de junho de 1873, uma manifestação anticlerical. Intitulada de «Os acontecimentos de domingo»<sup>62</sup>, refere-se a um acontecimento «no largo da Sé e próximo da entrada do paço episcopal», no Porto. Pode ler-se o que decorreu, terminada a cerimónia:

Vivas à liberdade, os quais foram calorosamente correspondidos pela multidão [...] os guardas municipais e civis intervieram na manifestação e trataram de dispersar o povo por meio da força, seguindo-se então grande balburdia que não é fácil descrever-se [...] Gritos, correrias [...] chapéus atirados ao ar [...] os municipais a fazer uso das coronhas das espingardas [...] No meio deste tumulto fez-se a captura dos senhores Anselmo Evaristo de Morais Sarmento [...] escoltados [...] até ao quartel do Carmo, acompanhados por grande concurso de povo, que se mostrava afeiçoado aos presos. Decorrido algum tempo foram postos em liberdade, sob fiança.<sup>63</sup>

Foram detidos 9 homens nessa manifestação, incluindo o patriarca da família Morais Sarmento.

Na altura em que participou nesta manifestação anticlerical, tinha 25 anos de idade. A sua filha mais nova, Rita, havia completado 1 ano de idade em fevereiro desse mesmo ano.

O anticlericalismo era um traço característico dos apoiantes do Partido Republicano. Defendiam a lei da separação do Estado das Igrejas que, em Portugal, apenas entrou em vigor no dia 20 de abril de 1911, já depois da implantação da República.

Como editor, contactou com grandes e diversos vultos dos meios literários, tornando-se amigo de muitos deles, mas sofrendo também alguns dissabores, dentre os quais os que motivaram a polémica que manteve com Camilo Castelo Branco.

Camilo Castelo Branco é uma personagem, no mínimo, peculiar. Vivera para a boémia e para as suas paixões fervorosas, tumultuosas e efémeras. No campo académico, tenta cursar Medicina e mais tarde Direito, cursos inacabados, porque as mulheres lhe diziam muito mais do que qualquer área de estudos. Paralelamente a tudo

---

<sup>61</sup> CORREIA, António Mendes – “Morais, Anselmo de”. p. 801.

<sup>62</sup> *Jornal do Porto*. Porto, nº 141, 1873, p. 1-2.

<sup>63</sup> *Jornal do Porto*. Porto, nº 141, 1873, p. 1-2.

isto, havia já ingressado nos caminhos do jornalismo. Caminhos esses que o levam inevitavelmente a conhecer Anselmo Evaristo, na década de 1870.

Dramas que ficaram registados em *Noites de Insónia oferecidas a quem não pode dormir*, um conjunto de folhetos com publicação mensal, ao longo do ano de 1874. Camilo refere-se a desavenças com Evaristo de Morais Sarmento.

As quezílias entre os dois homens dever-se-iam à diferença de ideais mas principalmente a questões monetárias. Isto porque Camilo Castelo Branco foi redator da *Actualidade*, da qual Anselmo era proprietário. Ou seja, podemos estar aqui a falar de honorários em atraso ou até mesmo em falta. Como é sabido, a vida boémia de Camilo exigia largas quantidades de dinheiro.

Nos referidos folhetos, Camilo regista as quezílias que teve com Anselmo, escrevendo injúrias e insultos ao longo de várias edições.

O meu nome foi banido das colunas daquele jornal. Assim o rosnou o lebréu por entre os arames da mordaca. Foi realmente banido? Então, adeus, desgraçado! Que o mundo tenha tanta piedade de ti, lázaro, quanto eu me arrependo de te haver baldeado do charco da petulância para outro pior – o do silêncio. Adeusinho! Coça a tua lepra com os teus folhetins; mas some-te, escalracho!<sup>64</sup> [...] P.S. Eu dissera-lhe adeusinho, quando fui banido; mas ele, mentindo e espremendo novamente o fígado, espirrou um golfo de bÍlis negra.<sup>65</sup>

Na sexta edição de *Noites de Insónia*, Camilo escreve em jeito de parágrafo introdutório, intitulado «Estúpido e Infame».

Alguns rapazes sem habilidade, nem estudo que lhes suprisse a incapacidade do engenho, aparecem aqui a pinchar na vaza das letras como sapos de lameiro em tarde trovejada de julho. O mais sapo nas verdes podridões [...] é este marau da *Atualidade*<sup>66</sup>.

Ainda nesse texto, segundo Camilo Castelo Branco, Anselmo Evaristo de Morais Sarmento defendera-se no número 94 da sua publicação periódica, *A Actualidade*. Camilo transcreve mesmo as palavras de Anselmo, que se referia ao romancista como «chapado ignorante que só serve para fabricar descomposturas».

Tendo apenas em conta esta fonte, podemos perceber que há uma elevada animosidade na relação destes dois senhores. Camilo menciona outros nomes de

---

<sup>64</sup>BRANCO, Camilo Castelo — *Noites de insónia oferecidas a quem não pode dormir*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1874, p. 53-54.

<sup>65</sup>BRANCO, Camilo Castelo — *Noites de insónia oferecidas a quem não pode dormir*, p. 99.

<sup>66</sup>BRANCO, Camilo Castelo — *Noites de insónia oferecidas a quem não pode dormir*, p. 88-94.

homens ao serviço de Anselmo, aborda também que Anselmo é um amigo de Teófilo Braga quando escreve «O senhor Teófilo Braga mandou acorrentar esse *house-dog* à porta da *Actualidade*. Fez mal»<sup>67</sup>.

No total, existem menções ao nome de Anselmo em 7 dos 12 números que o *Noites de Insónia* publicou.

Não há como saber se Anselmo respondeu a Camilo de igual forma uma vez que *A Actualidade* não se encontra disponível para consulta. No entanto, tudo leva a crer que sim, pelas citações que Camilo inclui em vários dos seus números de *Noites de Insónia*.

## 5. O Republicano que não viu a República

Como se sabe, a República foi implantada em Portugal no dia 5 de outubro de 1910, cujo Governo Provisório foi presidido por Teófilo Braga. Já o falecimento de Anselmo data de 8 de junho de 1900, dez anos antes.

Lê-se, na edição de *A Voz Pública* do dia 9 de junho de 1900, a notícia de sua morte, acompanhada de uma pequena biografia:

Faleceu ontem na sua casa no Buçaco [...] o Sr. Anselmo Evaristo de Moraes Sarmiento [...] foi editor de várias obras de invenção e de crítica, tais como a “História da Literatura Portuguesa”, de Teófilo Braga, “Primaveras Românticas”, de Antero de Quental [...] fundou vários periódicos, tanto políticos como artísticos [...] onde escreveram muitos dos mais distintos jornalistas portugueses contemporâneos [...]. O falecido era dotado de ânimo bondoso e esmoler; assim, a notícia da sua morte causou ontem grande impressão de tristeza nas classes populares [...] A classe tipográfica deveu-lhe importantes serviços; e este jornal [...] cumpre a obrigação de inscrever hoje o protesto de seu pesar por este inesperado e prematuro trespasse.<sup>68</sup>

O funeral realizou-se no dia 10 de junho de 1900, na capela do cemitério de Agramonte, assinalado na edição do mesmo dia e do mesmo periódico. Pode ler-se «rogam às pessoas de suas relações e amizade a fineza da sua assistência aos ofícios fúnebres»<sup>69</sup>. Está assinado por todos os seus cinco filhos, dois cunhados e outros familiares.

Também nesta edição do dia 10 de junho, foi publicada uma notícia a descrever os acontecimentos da chegada do cadáver ao Porto em «caixão de chumbo». Atenderam ao

<sup>67</sup>BRANCO, Camilo Castelo — *Noites de insónia oferecidas a quem não pode dormir*, p. 88-94.

<sup>68</sup> *A Voz Pública*. Porto, n.º 313, 1900, p. 2.

<sup>69</sup> *A Voz Pública*. Porto, n.º 313, 1900, p. 3.

funeral «cavalheiros de todas as classes sociais»<sup>70</sup>. O caixão foi acompanhado pelos seus funcionários da Imprensa Portuguesa, de quem recebeu uma coroa de flores com a seguinte inscrição «Os empregados da *Imprensa Portuguesa* ao seu saudoso chefe e amigo»<sup>71</sup>. Os aprendizes também ofereceram um *bouquet*, uma prática comum à época.

Ao lado direito desta notícia de grandes dimensões se encontra o obituário que, em duas linhas noticia o nome e o local do falecimento das pessoas em questão. Anselmo teve destaque em duas páginas da mesma edição.

No seu testamento, Anselmo Evaristo, além da fortuna deixada aos seus cinco filhos, preocupou-se em recompensar a criada que o serviu nos últimos anos de vida: «Tenho cinco filhos legítimos sendo um rapaz e quatro senhoras, aos quais deixo toda a minha fortuna; com exceção dos seguintes [...] Olímpia da Natividade, criada de servir, atualmente servindo em minha casa, como recompensação dos seus serviços»<sup>72</sup>. Mostrando uma enorme preocupação para com os de classe social inferior.

Referiu-se também a algumas quantias de dinheiro que devias às suas filhas, Guilhermina e Laurinda, sendo que, em relação a esta última acrescentou: «também devo à minha filha Laurinda trezentos e cinquenta mil réis para uma mobília e prenda que lhe prometi»<sup>73</sup>.

## 6. Correspondência trocada com Teófilo Braga

Por outro lado, entre os colaboradores de *A Atualidade* e amigos de Anselmo, contava-se Teófilo Braga, com diversas obras editadas pela Imprensa Portuguesa, que era compadre de Anselmo.

No Arquivo Regional de Ponta Delgada, nos Açores, encontram-se diversos documentos que pertenceram outrora a Teófilo Braga. No seu repositório, existem cartas trocadas com alguns membros da família Morais Sarmiento. É de salientar que mesmo depois da morte de Anselmo Evaristo, algumas das filhas mantiveram contacto com Teófilo e a sua família.

---

<sup>70</sup> *A Voz Pública*. Porto, nº 313, 1900, p. 2.

<sup>71</sup> *A Voz Pública*. Porto, nº 313, 1900, p. 2.

<sup>72</sup> Arquivo Municipal do Porto — *Registo de Testamento de Anselmo de Moraes Sarmiento*. Porto, 1900.

<sup>73</sup> Arquivo Municipal do Porto — *Registo de Testamento de Anselmo de Moraes Sarmiento*. Porto, 1900.

Refira-se por exemplo uma carta de Aurélia à esposa de Teófilo, Maria do Carmo Xavier Braga, a propósito da nomeação do seu marido para chefe do Governo Provisório:

Eu não sei como testemunhar-lhes o prazer que senti com a nomeação, aliás esperada e absolutamente justa do Senhor Doutor Teófilo Braga para presidente do novo regime que hoje nos governa. Só lamento muito profundamente que meu pai, seu velho amigo e compadre, assim como seus extremosos filhinhos não possam já compartilhar desta grande alegria e glória. No entanto e ainda no nome daquela, me permito abraça-los fazendo os mais sinceros votos.<sup>74</sup>

Outra carta de Laurinda, com o mesmo propósito da irmã, evoca também a amizade entre o pai, Anselmo, e Teófilo: «Lamento que o meu querido e saudosíssimo pai não possa hoje ver realizado o ideal de toda a sua vida, e abraçar cheio de júbilo o seu glorioso compadre e fiel amigo de tantos anos»<sup>75</sup>.

## 7. O irmão mais novo: Joaquim de Morais Sarmento

Há neste espólio algo muito curioso. Como já foi referido, Anselmo tinha um filho rapaz, Joaquim de Morais Sarmento, de quem muito pouco se sabe. Aliás, é de salientar que nos estudos já existentes sobre a família Morais Sarmento é mencionada apenas a sua existência, sem a referência ao seu nome.

Contudo, é no meio do espólio documental de Teófilo que se podem vislumbrar alguns traços da personalidade de Joaquim. Isto porque, uma vez que é o único filho de Anselmo que se vai formar fora da cidade do Porto, é mantida uma certa vigilância. As cartas dão a impressão de que Teófilo intercedeu junto dos seus colegas na área de Direito em Coimbra para vigiarem o rapaz de perto.

A este propósito troca cartas com Manuel de Oliveira Chaves de Castro e José Joaquim Lopes Praça, professores de Direito na Universidade de Coimbra. A correspondência a propósito de Joaquim começa de uma forma bastante positiva.

Lopes Praça escreve:

---

<sup>74</sup> Arquivo Regional de Ponta Delgada. Fundo Teófilo Braga — *Carta de Laurinda para Maria do Carmo Xavier Braga*, ca. 1910.

<sup>75</sup> Arquivo Regional de Ponta Delgada. Fundo Teófilo Braga — *Carta de Laurinda Morais Sarmento de Carvalho para Maria do Carmo Braga*, Outubro de 1910.



É sempre agradável para mim ter notícias suas. Marquei hoje a lição o seu – Joaquim de Morais Sarmiento – Bom rapazinho me pareceu o seu protegido, e fiquei bem impressionado. Notei que é tímido e pouco animado. Tinha estudado, e é preciso deixá-lo dizer o que sabe em qualquer observação, por mais simples que seja, porque facilmente se perturba. Talvez possa evitar esse defeito com um estudo mais intenso. De resto bem sabe como eu o estimo e quanto valor dou às suas informações benéficas.<sup>76</sup>

Nas palavras de Lopes da Praça percebe-se que já tem uma opinião do rapaz indicado por Teófilo – é um jovem que pode ter algum potencial mas que precisa de se aplicar um pouco mais nos estudos.

Já Chaves de Castro escreve com uma sinceridade acrescida quando comparado com o remetente anterior. Castro regista:

O seu recomendado Joaquim de Morais Sarmiento é destes estudantes que pertencem ao comum dos doutores, isto é, dão o seu recado sofrivelmente, se lhes não tocam, mas, tocando-lhes, desmancham-se de todo. Deu-me duas lições fraquitas, e pode no ato dizer alguma coisa e passar [...] pode também copiar e dizer tolices, e neste caso, e se nos outros autos tiver má frequência, pode ser mal sucedido. [...] o meu amigo [...] sabe o que é ser estudante pouco seguro, e escuso de lhe dizer mais nada. A infelicidade deste foi não estar já formado, quando o João Franco arranhou a atual câmara dos deputados, porque, se está formado, podia achar-se enfileirado [...] e não havia de ser dos piores.<sup>77</sup>

Chaves de Castro nesta carta faz referência a diversas situações. Primeiramente, é bem possível que Joaquim fosse frequentador assíduo das tradições académicas conimbricenses. De seguida, menciona que era um estudante fraquinho, seguro de si mesmo, mas rápida e facilmente desconstruído por alguém da área. Por último, ironiza com os deputados escolhidos por João Franco, que considerava pouco dotados. Refere que, se Joaquim já tivesse completado o curso de Direito, poderia ingressar na Câmara de Deputados escolhida por João Franco. Aliás, Franco era ele próprio formado em Direito pela Universidade de Coimbra.

Numa outra carta, aproximadamente cinco meses depois da anterior, Chaves de Castro escreve:

O seu recomendado Joaquim de Morais Sarmiento foi hoje aprovado [...] e para isto foi preciso converter toda a água do Mondego em água benta. [...] O pai [...] me procurou e comigo conversou, teve ocasião de ver

<sup>76</sup> Arquivo Regional de Ponta Delgada. Fundo Teófilo Braga — *Carta de José Joaquim Lopes Praça para Teófilo Braga*, 11.12.1893.

<sup>77</sup> Arquivo Regional de Ponta Delgada. Fundo Teófilo Braga — *Carta de Manuel de Oliveira Chaves de Castro para Teófilo Braga comentando a aprendizagem do aluno Joaquim de Morais Sarmiento*, 24.03.1896.

os trabalhos escritos e jurídicos do filho e de apreciá-los [...] lhos mostrei, para ele ver o que fazem por cá esses meninos que fora daqui se apresentam Cícero e Papiniano, mas que durante o curso só procuram tolices e bernardices [...]. Ele lá passou [...] brevemente estará um dos homens mais importantes do nosso país, e se for a concurso dos delegados do procurador régio, aprovam-no.<sup>78</sup>

Nesta última carta chega a tão aguardada notícia da conclusão do curso, embora carregada de ironia quando se refere à conversão da água do rio Mondego em água benta. É evidenciada também a ida de Anselmo Evaristo a Coimbra a propósito de falar sobre o filho e ver os seus «trabalhos escritos jurídicos» que Chaves de Castro lhe mostra, quase com regozijo, para confrontar o progenitor de Joaquim com as provas da boémia estudantil do filho mais novo. «Esses meninos que fora daqui se apresentam Cícero e Papiniano<sup>79</sup>, mas que durante o curso só procuram tolices e bernardices», termina ele.

## Conclusão

É de salientar que o mediatismo do qual estas irmãs foram protagonistas é incomensurável. A entrada destas quatro mulheres nas esferas da Medicina e Engenharia foi uma novidade chocante.

Foi possível perceber, ao longo da investigação, que o panorama no Ensino Superior do século XIX não facilitou a vida às Morais Sarmento. Era uma sociedade aprisionada nas grilhetas do machismo que ou impedia, por completo, o acesso das mulheres aos estudos universitários, ou lhes impunha barreiras nos temas que poderiam estudar e trabalhar.

No entanto, ao analisar as dissertações finais da turma finalista de Medicina no ano de 1891 é-nos revelado que as ideias começavam a mudar. Quando o colega Ricardo de Lemos e Castro escreve que a infertilidade, muitas vezes, nada tem a ver com a mulher, acaba por afirmar cientificamente que esta não é culpada por todos os males que assombram as famílias.

O facto de Anselmo ter arranjado um empregado da sua confiança para acompanhar as meninas às aulas demonstra que estava consciente da novidade que as suas

---

<sup>78</sup> Arquivo Regional de Ponta Delgada. Fundo Teófilo Braga — *Carta de Manuel de Oliveira Chaves de Castro para Teófilo Braga criticando o aluno Joaquim de Morais Sarmento*, 03.07.1896.

<sup>79</sup> Referindo-se aos romanos Cícero e Papiniano que, entre muitas outras áreas, se destacaram no exercício das suas funções jurídicas.

descendentes protagonizavam e do perigo que poderiam correr. Daí a necessidade de acompanhamento.

Como foi apontado anteriormente, todas as áreas eram vedadas às mulheres, mas muito mais a Medicina e a Engenharia. Não só por serem áreas consideradas impróprias à delicadeza dos seres femininos, mas essencialmente porque a ideia das mulheres estudarem, terem inteligência e pensamentos próprios lhes parecia inadequado. Aliás, mesmo depois das Morais Sarmiento concluírem os seus cursos superiores, as mulheres continuaram a aceder aos estudos muito paulatinamente, com longos períodos onde não figurava um único nome feminino nas turmas. As que acediam eram senhoras com famílias de mentalidades mais abertas e com poder económico e social.

Quanto ao quadro familiar e social há muito a dizer. A influência exercida pela mãe das meninas, D. Rita de Cássia, é desconhecida. Não se sabe nada sobre esta mulher, apenas que se dedicava à educação dos cinco filhos e que morreu cedo. Anselmo editava muitos livros das mais diversas temáticas e tinha muitos conhecimentos em todas as camadas sociais, nomeadamente na área das Letras e do Direito, como se percebe pelas escolhas de padrinhos das suas filhas. Decerto tudo isto se interligou de modo a proporcionar os conhecimentos certos para todas as quatro irmãs se distinguirem com louvores perante o olhar atento do público.

Apesar de no círculo social do pai se destacarem figuras maculinas, as irmãs Morais Sarmiento também teriam influências femininas, as amigas. Fazem questão de lhes agradecer aquando elaboram as dedicatórias das suas dissertações finais.

Rita, como se nota ao longo de toda a investigação, é a jovem com menos pormenores relativamente ao seu percurso académico. Sabe-se pouco porque, ao contrário de Medicina, Engenharia não exigia a elaboração de uma dissertação final.

No que ao irmão mais novo, Joaquim, diz respeito, afastou-se para a cidade de Coimbra com o objetivo de estudar Direito. Fê-lo porque no Porto a Faculdade de Direito ainda não existia à época. Seria muito curioso estudar as relações entre ele e as irmãs mais velhas. Era típico dividir a educação dos rapazes da das raparigas mas tudo leva a querer que Anselmo não o tenha feito. As irmãs Morais Sarmiento tinham algum protagonismo na imprensa, seria interessante perceber como os colegas de Joaquim reagiam à fama das irmãs do colega de curso.

Vale a pena estudar mais aprofundadamente o quotidiano destas tão ilustres mulheres, que abriram caminhos que, lentamente, foram permitindo que hoje não haja distinção entre o feminino e o masculino quando se acede ao Ensino Superior.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes de Arquivo

Arquivo Distrital de Aveiro — *Registo de Batismo de Anselmo de Moraes Sarmiento*, Aveiro, 1847.

Arquivo Distrital do Porto. Registos Paroquiais. Cedofeita. Batismos, 1869, 1870, 1867, 1872.

Arquivo Municipal do Porto. Administração do Bairro Ocidental — Registos de Testamento de Anselmo de Morais Sarmiento, Porto, 1900; *Registo de Testamento de Aurélia de Morais Sarmiento*, Porto, 1904; *Registo de Testamento de Guilhermina de Morais Sarmiento*, Porto, 1906; *Registo de Testamento de Joaquim de Morais Sarmiento*, Porto, 1905; *Registo de Testamento de Laurinda de Moraes Sarmiento*, Porto, 1929.

Arquivo Regional de Ponta Delgada. Fundo Teófilo Braga — *Carta de Laurinda para Maria do Carmo Xavier Braga*, ca. 1910; *Carta de Laurinda Morais Sarmiento de Carvalho para Maria do Carmo Braga*, Outubro de 1910; *Carta de José Joaquim Lopes Praça para Teófilo Braga*, 11.12.1893; *Carta de Manuel de Oliveira Chaves de Castro para Teófilo Braga comentando a aprendizagem do aluno Joaquim de Morais Sarmiento*, 24.03.1896.

### Fontes Hemerográficas

*A Voz Pública*. Porto, 1900.

*Jornal do Porto*. Porto, 1891.

*O Tripeiro*. Porto, 2002.

*Porto Académico*. Número único do 1º Centenário da Academia Politécnica e da Escola Médico-cirúrgica. Porto, 1937.

### Fontes Impressas

ANDRADE, José dos Santos — *Patogenia e tratamento da eclampsia puerperal*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

BEIRÃO, Francisco de Vasconcelos e Carvalho — *Gravidez Ectópica*. Porto: Tipografia Ocidental, 1891

BRANCO, Camilo Castelo — *Noites de insónia oferecidas a quem não pode dormir*, Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardron, 1874.

BRANDÃO, Viriato — *Breve estudo sobre os apertos da uretra*. Porto: Imprensa Nacional, 1891.

CARVALHO, Cipião José de — *Breve estudo sobre as manifestações oculares da sífilis*. Porto: Papelaria e Tipografia Azevedo, 1891

CASTRO, João Leite de — *Breve estudo sobre a etiologia e tratamento das pleurisias purulentas*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

CASTRO, Ricardo de Lemos — *Breve estudo sobre a etiologia e tratamento da esterilidade da mulher*. Porto: Tipografia Ocidental, 1891.

GARCIA, Francisco da Silva — *O vinho do Porto: história, composição, análise química, aplicações terapêuticas, falsificações e inconvenientes do seu abuso*. Porto: Imprensa Nacional, 1891.

LEMOS, José Maria Pacheco da Silva — *História e Patogénico da dispepsia neurasténica*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

LEMOS, Manuel Marques de — *Algumas palavras sobre a termometria clínica*. Porto: Tipografia A.F. Vasconcellos, 1891.

MACEDO, Joaquim Pereira de — *Algumas palavras sobre a ciática*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

MAGALHÃES, José Pinto de Queiroz — *O cancro do corpo tiroideo e a especificidade celular*. Porto: Tipografia Ocidental, 1891.

MOREIRA, Jerónimo — *O hipnotismo e a lei*. Porto: Tipografia Elzeviriana, 1891.

MOURA, José Maria de — *Um capítulo de higiene alimentar*. Porto: Imprensa Internacional, 1891.

NOVAIS, Francisco Xavier de Abreu e Couto Amorim — *A tuberculose e os seus novos meios de tratamento*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

PEREIRA, José Jorge — *Um capítulo de medicina legal — Simulação e dissimulação de doenças na Marinha*. Porto: Tipografia A. F. Vasconcellos, 1891.

PINHAL, Manuel José — *As ténias do homem*. Porto: Imprensa Nacional, 1891.

SARMENTO, Aurélia de Morais — *Higiene da primeira infância*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1891.

SARMENTO, Guilhermina de Morais — *A dilatação do estômago*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1896.

SARMENTO, Laurinda de Morais — *Breves considerações sobre a higiene do vestuário feminino*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1891.

VON HAFE, Otto Reiner — *Breves considerações sobre a cistoscopia*. Porto: Tipografia Gandra, 1891.

### **Bibliografia**

BARREIRA, Cecília — *História das Nossas Avós: retrato da burguesa de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri, 1994.

CASANOVA, José Luís — *Estudantes universitários: composição social, representações e valores*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, Instituto da Juventude, 1993.

CORREIA, António Mendes — “Morais, Anselmo de”. In *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*. Vol. XVII. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, 2005.

FERRAZ, Amélia Assunção Beira Ricón — *A Real Escola e a Escola Médico-Cirúrgica do Porto: contributo para a história da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2013. (Edições centenário)

*Os novos quintanistas da Faculdade de Medicina do Porto*. Porto: Faculdade de Medicina, 1927.

PEREIRA, Gaspar Martins — *Famílias Portuenses na viragem do século: 1880-1910*. Porto: Afrontamento, 1995.

PERROT, Michelle — *Uma História das Mulheres*. Porto: Edições Asa, 2007.

SANTOS, Cândido dos — *A mulher e a Universidade do Porto: a propósito do centenário da formatura das primeiras médicas portuguesas*. Porto: Universidade do Porto, 1991.

SANTOS, Natacha – As Irmãs Morais Sarmiento: quatro mulheres na Academia do Porto. In *Omni Tempore: atas dos Encontros da Primavera 2018*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2019. p. 404-434.

SANTOS, Cândido dos — *História da Universidade do Porto*. Porto: Universidade do Porto, 2011.

SANTOS, Cândido dos — *Universidade do Porto: raízes e memória da instituição*. Porto: Universidade do Porto. Fundação Gomes Teixeira. 1996.